



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

**RITA DE CASSIA RIBEIRO DE SOUZA**

**A (RE)CONSTRUÇÃO DO ETHOS FEMININO NEGRO NA POÉTICA DE  
CONCEIÇÃO EVARISTO: UMA ANÁLISE DOS POEMAS “DO FOGO QUE EM  
MIM ARDE”, “EU-MULHER” E “VOZES MULHERES”**

**CAMPINA GRANDE  
2022**

RITA DE CASSIA RIBEIRO DE SOUZA

**A (RE)CONSTRUÇÃO DO ETHOS FEMININO NEGRO NA POÉTICA DE  
CONCEIÇÃO EVARISTO: UMA ANÁLISE DOS POEMAS DO “FOGO QUE EM  
MIM ARDE”, “EU-MULHER” E “VOZES MULHERES”**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado a/ao Coordenação  
/Departamento do Curso de Licenciatura  
Plena em Letras - Português da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
graduada em Letras - Língua Portuguesa.

**Orientador:** Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino.

**CAMPINA GRANDE  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S729r Souza, Rita de Cassia Ribeiro de.

A (re)construção do ethos feminino negro na poética de Conceição Evaristo [manuscrito] : uma análise dos poemas "Do fogo que em mim arde", "Eu-mulher" e "Vozes mulheres" / Rita de Cassia Ribeiro de Souza. - 2022.

20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêas) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC. "

1. Escrivência. 2. Poesia brasileira . 3. Escrita feminista negra. I. Título

21. ed. CDD B869.1

RITA DE CASSIA RIBEIRO DE SOUZA

A (RE)CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* FEMININO NEGRO NA POÉTICA DE CONCEIÇÃO  
EVARISTO: UMA ANÁLISE DOS POEMAS *DO FOGO QUE ARDE EM MIM, EU-  
MULHER E VOZES MULHERES*

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado a/ao Coordenação /Departamento  
do Curso a/ao Coordenação /Departamento do  
Curso de Licenciatura Plena em Letras -  
Português da Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do título de  
graduada em Letras - Português.

Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 13/12/2022.

**BANCA EXAMINADORA**

Luciano 10,0  
Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ana Lúcia Maria de Souza Neves 10,0  
Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Silvanna Oliveira 10,0  
Profa. Dra. Silvanna Kelly Gomes de Oliveira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Para aquelas que vieram antes de mim e fizeram o que sou: minha doce mãe Maria José e minhas queridas avós Rita e Maria (*In memoriam*), dedico.

“A nossa escrevivência não pode ser lida como história  
de ninar para os da casa-grande, e sim  
para incomodá-los em seus sonos injustos”.

(Conceição Evaristo)

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	07
2	A MULHER NEGRA NA LITERATURA: O OLHAR DO OUTRO SOBRE O EU.....	08
3	A ESCRIVÊNCIA POÉTICA COMO PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO DE SI NA LITERATURA.....	10
4	DO FOGO QUE EM MIM ARDE.....	11
5	EU-MULHER.....	13
6	VOZES-MULHERES.....	15
7	CONCLUSÃO.....	18
	REFERÊNCIAS.....	18

## A (RE)CONSTRUÇÃO DO ETHOS FEMININO NEGRO NA POÉTICA DE CONCEIÇÃO EVARISTO: UMA ANÁLISE DOS POEMAS DO “FOGO QUE EM MIM ARDE”, “EU-MULHER” E “VOZES MULHERES”

Rita de Cassia Ribeiro de Souza<sup>1</sup>

### RESUMO

A conjuntura do cânone literário brasileiro é marcada pela postura de silenciamento das etnias marginalizadas e do gênero feminino. Nesse sentido, as mulheres negras, atravessadas pela interseccionalidade, sofreram o silenciamento de suas vozes, de modo que foram retratadas pela perspectiva do outro (homem branco). Como afirma Filho (2004), existe uma gama de obras que objetificam a condição negra partindo de uma visão distanciada e descompromissada. Desse modo, inúmeros estereótipos acerca da mulher negra foram reproduzidos e reafirmados em obras literárias, colaborando com a instauração do *ethos* da mulher negra hipersexualizada, submissa e que tem por destino cuidar do outro em detrimento de si. Neste trabalho, a perspectiva adotada para a compreensão do *ethos* advém da corrente de AD francesa, mais precisamente, respalda-se na visão de Maigneueau (2020). O principal objetivo desta pesquisa é apresentar como a escrevivência da autora Conceição Evaristo inaugura um novo *ethos* para o feminino negro, para isso são analisados três poemas da autora, presentes na obra Poemas de Recordação e Outros Movimentos (2008): “Do fogo que em mim arde”; “Eu-Mulher” e “Vozes-Mulheres”. Busca-se, portanto, evidenciar como se constitui a emancipação de mulheres negras nas percepções do eu lírico dos três poemas em análise e o caráter contra-hegemônico da escrita feminista negra.

**Palavras-chave:** Escrevivência; *Ethos*; Emancipação do Eu-Feminino-Negro; Poesia.

### ABSTRACT

The conjuncture of the Brazilian literary canon is marked by the silencing posture of marginalized ethnic groups and the female gender. In this sense, black women, crossed by intersectionality, suffered an erasure of their voices, so that they were portrayed from the perspective of the other (white man). As Filho (2004) states, there is a range of works that objectify the black condition from a distanced and uncompromised view. In this way, numerous stereotypes about the black woman were reproduced and reaffirmed in literary works, corroborating with the establishment of the *ethos* of the hypersexualized, submissive black woman whose destiny is to take care of the other to the detriment of herself. The perspective adopted for understanding the *ethos* comes from the current of French AD, more precisely, it is based on the vision of Maigneueau (2020). The main objective of this work is to present how the writership of the author Conceição Evaristo inaugurates a new *ethos* for the black female, for that, three poems of the author are analyzed, present in the work Poemas de Recordação e outros Movimentos (2008): “Do fogo que em mim arde”; “Eu-Mulher” and “Vozes-Mulheres”. The aim is, therefore, to show how the emancipation of black women is constituted in the perceptions of the lyrical self of the three poems under analysis and the counter-hegemonic character of black feminist writing.



**Keywords:** Writing; Ethos; Emancipation of the Black-Feminine Self; Poetry.

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura negra é, em meio a sua multiplicidade, um instrumento de emancipação e da reescritura da própria história que fora deturpada pela perspectiva colonial. Mais precisamente, a poesia negra rompe a escrita hegemônica e transforma um espaço repleto de inverdades construído por parte de um cânone burguês, branco e misógino. Como afirma Bernd (1988, apud Duarte, 2010), a poesia negra transpassa a alienação construída pela visão externa e descompromissada, ao passo que apresenta um olhar partindo do interior da perspectiva da negritude, além proporcionar a reapropriação da palavra. Segundo o autor, o poema negro transmite o movimento da alienação à conscientização.

A história que fora contada pela colonialidade instituiu um *ethos* de corpos femininos negros que carregam estereótipos negativos, que permeiam a hipersexualização e a submissão. Nesse tocante, as obras da autora contemporânea Conceição Evaristo assumem um papel importantíssimo, uma vez que constituem narrativas díspares a esses estereótipos, apresentando subjetividades da condição feminina negra e um posicionamento ativo na construção de um *ethos* emancipado das imagens construídas pelo olhar do outro.

A obra *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008) reúne poemas que apontam para diversas temáticas sociais, além de que apresentam uma linguagem poética elaborada. Os poemas aqui analisados, a saber “Do fogo que em mim arde” (2008), “Eu-Mulher” (2008) e “Vozes-Mulheres” (2008) fazem parte desta obra e exprimem singularidades do ser mulher negra, perpassando por um confronto contínuo – ancestral, atual e subsequente - em busca dos ideais de liberdade e autonomia dos corpos femininos negros.

No primeiro momento desta pesquisa, busca-se apresentar o silenciamento das vozes femininas negras no cânone literário brasileiro, e como os estereótipos acerca dos corpos dessas mulheres foram reforçados nessa conjuntura. Para tanto, respalda-se nos pressupostos teóricos de Filho (2004) que aponta para a existência de obras literárias nas quais o negro é objetificado e os autores partem de uma perspectiva distanciada e descompromissada com esse grupo étnico-social, de modo que aqueles que possuíam o poder da palavra puderam reafirmar livremente os seus pré-conceitos.

Em seguida, busca-se apresentar a escrevivência, termo cunhado por Conceição Evaristo, como arma no processo de emancipação das mulheres negras na literatura brasileira. O entrelugar da autora, que vivenciou tanto a imersão na sociedade misógina e racista enquanto mulher negra, quanto o lugar enquanto escritora e pesquisadora reconhecida no Brasil, resultou em uma escrita singular marcada pela resistência e por uma linguagem poética autêntica. Pretende-se também apresentar como a literatura contemporânea vem se movimentando no rompimento da cadeia de silenciamentos das vozes femininas negras.

A presente pesquisa situa-se no campo da pesquisa bibliográfica. Para sua realização parte-se da compreensão de que a Análise do Discurso fornece recursos para o estudo de uma infinidade de gêneros que abarcam o oral e o escrito, usufrui-se assim desse meio para contribuir na interpretação da poesia feminina negra. Nesse

sentido, o conceito de *ethos* discursivo aqui explanado é proveniente da corrente de AD francesa, mais precisamente, respalda-se na visão de Maigne (2020) acerca da concepção de elaboração do *ethos* “não se trata de uma representação estática, mas de uma forma dinâmica construída pelo destinatário por meio do próprio movimento da fala do locutor” (p. 10). Compreende-se assim o *ethos* enquanto um instrumento para a caracterização dos corpos, ou seja, a imagem que se cria a partir dos estereótipos sociais e as interpretações.

Desse modo, pretende-se por meio dessa pesquisa analisar como se dá a desconstrução de um *ethos* corrompido pela perspectiva racista e patriarcal do feminino negro, e a edificação de um novo *ethos* desenvolvido a partir das constituições de si do eu lírico nos poemas supramencionados. No poema “Do fogo que em mim arde”, nota-se a recusa a imagens hipersexualizadas que foram construídas em volta das mulheres negras, bem como a construção das lutas, sonhos e autorreconhecimento da magnitude da força feminina negra.

“Eu-Mulher” e “Vozes-Mulheres” são poemas substanciais no que se diz respeito a experiências de mulheres negras. O primeiro aponta para o valor imensurável dessas na sociedade a partir de uma perspectiva de uma mulher mãe, enquanto o segundo exprime a formação de si baseada na ancestralidade e no labor coletivo na busca da emancipação. Ambos dão espaços para uma análise das singularidades femininas.

## 2 A MULHER NEGRA NA LITERATURA: O OLHAR DO OUTRO SOBRE O EU

A linguagem é um forte operante nas relações de poder entre os sujeitos, e constitui-se como um instrumento de domínio utilizado pelas classes socialmente privilegiadas, numa conjuntura em que as classes marginalizadas são ignoradas em suas falas e em seus escritos. Desse modo, compactua-se com o que afirma Fiorin (2009, grifos meus):

Os silenciamentos operados pelo discurso manifestam uma relação de poder. Os discursos que circulam no espaço social são submetidos à ordem do poder, não são todos equivalentes. **Os usos linguísticos podem ser o espaço da pertença, mas também da exclusão, da separação e até da eliminação do outro.** Por isso, **a língua não é um instrumento neutro de comunicação, mas é atravessada pela política, pelo poder, pelos poderes.**

Tendo por base essa ideia do poder por meio da linguagem, pode-se observar que a história da literatura brasileira, marcada pelo contexto sócio-histórico de silenciamento das classes marginalizadas, está inserida no processo das relações de domínio. É inegável que a formação do cânone literário brasileiro é hegemônica. Tomemos por base dois exemplos: o maior nome do realismo, Machado de Assis, homem negro, teve sua real etnia mascarada por décadas, sendo apresentado como um homem branco; um livro publicado em 2001 com o título *Os cem melhores poemas brasileiros do século* (MARICONI, 2001) possui apenas dezenove títulos de autoria feminina. Não é necessário muito esforço para perceber que o cânone possui raça e gênero.

Posto isso, esse cenário de apagamento de vozes na literatura atinge duplamente as mulheres racializadas. Para tratar dessa importante questão que

perpassa o tema deste trabalho, será utilizado o conceito de Crenshaw (2002, p.177) acerca da interseccionalidade:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.

A interseccionalidade deve, portanto, ser encarada no processo de análise da literatura feminista negra, faz-se necessário reconhecer e situar essa literatura em seu lugar de fala. Legitimando a duplicidade categórica dentro da sociedade, mulher e negra, é necessário compreender esse campo literário em sua especificidade para compreender de onde vem e quais são os intuitos desses escritos. A ideia não é dividir os feminismos no campo literário, mas certificar o espaço da negritude nesse movimento. A esse respeito:

as literaturas produzidas por mulheres que se vinculam a tais projetos emancipatórios e antipatriarcais são definidos como “escrita feminina”, deve-se garantir que esse significante (escrita feminina) esteja carregado de todas as tensões que compõem o tecido cultural, não sendo inscrito nem limitado por uma visão binária e naturalizada de mundo. [...] mais uma vez aqui, mesmo denominando-se eventualmente tal produção de “escrita feminista”, também não estaríamos seguras quanto a qual dos feminismos (da experiência, da diferença, da desconstrução, marxista, etc.) estaríamos os referindo. (SCHNEIDER, 2007, p. 1, apud SILVA, 2010)

Ainda se tratando da interseccionalidade, a invisibilidade dos anseios, personalidades e subjetividades da mulher negra na sociedade brasileira, em detrimento da construção e reforços de estereótipos negativos, é reproduzida e reafirmada no campo literário. Atravessadas pela dupla posição de repressão, gênero e raça, os discursos dessas mulheres foram silenciados e a voz do outro teve espaço para repercutir a sua perspectiva arrefecida a pré-conceitos “em uma a condição negra como objeto, numa visão distanciada” (FILHO, 2004, p.161).

No contexto sociocultural discutido, é notável que o *ethos* que fora construído acerca mulher negra é condicionado aos fatores da interseccionalidade. Sustentando-se na ideia de Maingueneau (2005) ao afirmar que não existe um *ethos* preestabelecido, mas que ele é construído no âmbito da atividade discursiva de acordo com a cultura e ética dos sujeitos, para a formação do *ethos* de personagens literárias é necessário que autor(a) e leitor(a) mobilizem seus pré-conceitos buscando estereótipos que reconhecem através de seu contexto histórico e sociocultural. É a partir desse tocante que se encontra a teoria do *ethos* com os estereótipos de personagens negros reproduzidos na literatura brasileira apontados por Filho (2004).

A própria pesquisadora e escritora cujos poemas de sua autoria serão aqui analisados, Conceição Evaristo, destaca a reprodução desses estereótipos:

Destacando a roupagem estereotípica com a qual os negros são vestidos em várias obras brasileiras, é possível ressaltar um imaginário construído em que o sujeito negro surge destituído do dom da linguagem. Uma afasia, um mutismo, uma impossibilidade de linguagem caracterizam muitas das

personagens ficcionais negras, sob a pena de muitos autores (EVARISTO, 2009, p. 22)

Portanto, é importante pensar a partir de uma consciência coletiva que emerge do texto literário definido como feminista negro e enfrentar o eurocentrismo em uma posição pós-colonial. Ainda que alguns autores defendam a “morte do autor” na análise literária, não há possibilidade de luta sem uma identidade coletiva, nem na sociedade, nem na literatura. Afirmar que a autoria de um texto deve ser desconsiderada, abre caminhos para que o olhar do outro, que está em posições de privilégio, prevaleça. Não refletir sobre o pequeno número, quase nulo, de escritoras negras na história do cânone literário brasileiro, quando há existência de brilhantes autoras que foram desmemoriadas como Rosa Maria Egipciana Vera Cruz e Tereza Margarida da Silva e Orta, é também colaborar com a perpetuação do sistema eurocêntrico e misógino. Compactua-se assim com Alves (2002, p.235, apud SILVA, 2010) ao afirmar que a literatura negra “é acusada de essencialismo, depois é punida com o anonimato. Trata-se de um anonimato complexo, que retira a legitimidade do negro como escritor. A esse escritor é reservado um lugar de objeto de estudos no discurso dos pesquisadores.”

### **3 A ESCRIVÊNCIA POÉTICA COMO PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO DE SI NA LITERATURA**

Embora a história da literatura brasileira carregue o lamentável peso do sexismo e racismo, a contemporaneidade vem apresentando cada vez mais grandes e notáveis nomes de escritoras comprometidas com arte de excelência e com a questão anti-hegemônica. É evidente que não se pode ignorar o legado de escritoras precedentes, que transgrediram o domínio branco, machista e burguês, como a primeira romancista abolicionista brasileira, Maria Firmina dos Reis, mulher negra que marcou a história da literatura brasileira com a obra *Úrsula* (1859).

Posto isso, a escritora Conceição Evaristo é um importante nome para a literatura contemporânea, suas obras não se tratam apenas de uma análise da sociedade em forma de denúncia, tratam-se também de um sentir coletivo. Sob essa ótica, torna-se particularmente relevante tratar sobre o conceito de escriturabilidade proposto pela autora, para ela escrever é um modo de transpassar o silêncio que fora imposto, ao escrever-se “toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida” (EVARISTO, 2005, p. 202).

O termo que une os verbos “escrever” e “viver” não deve ser compreendido como produção de autoficção, mas como resultante de um esforço comunitário, em que a coletividade feminina negra se faz ser ouvida. A escriturabilidade busca garantir o direito de que essas mulheres possam escrever suas próprias narrativas, rompendo com a repetição dos estereótipos ligados às mulheres negras na literatura de caráter hegemônico:

Escriturabilidade, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de missão sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. (EVARISTO, 2020, p.30)

Dessa maneira, verifica-se na escrevivência o empenho em desmontar os pré-conceitos e atribuir um novo *ethos* para a mulher negra. A literatura torna-se um instrumento de emancipação e reescritura da própria história. As posições, que tantas vezes foram negadas às mulheres negras, de escrever e se depararem com textos literários que as representam genuinamente, são conquistadas na urgente transgressão do escrever. Para o público de leitoras femininas negras, poder enxergar outras possibilidades em escritos que não reforçam os estereótipos pelos quais tiveram que conviver por toda uma vida perante a sociedade, mas que expõem um olhar que vem de dentro da sua realidade, e que se expande, revelando uma subjetividade poética, também é um modo de encontrar-se e de emancipar-se da visão do outro.

Ainda de acordo com Evaristo (2005, p.54), pode-se afirmar que violar o sistema hegemônico com a produção da literatura feminina negra significa buscar criar uma literatura em que o *corpo-mulher-negra* se renuncia da posse do outro e passa a se impor como *sujeito-mulher-negra* “que descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira.” Desse modo, a autonomia concedida pela escrita transforma a perspectiva: o que fora antes observado como mero objeto/corpo, mostra-se como consciência subjetiva.

Por conseguinte, não há como dialogar sobre a escrevivência sem mencionar o lugar de fala. O lugar de onde o sujeito foi inserido socialmente não o pré-define e/ou o molda, mas propicia vivências distintas e uma visão interna sobre determinadas questões sociais. De acordo com Ribeiro (2017, p. 39) “o lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas”.

Antes de adentrar a análise dos poemas, é necessário postular a ideia sobre a categoria analisada. Em dois poemas escolhidos, “Do fogo que em mim arde” (EVARISTO, 2008) e “Eu-Mulher” (EVARISTO, 2008) o eu lírico não se manifesta explicitamente como uma mulher negra, mas é possível notar-se por meio de algumas chaves de leitura. Sobre isso, Duarte (2010) define a literatura afro-brasileira por meio do que ela resulta, e não necessariamente a partir de elementos isolados como tema ou autoria:

Para além das discussões conceituais, alguns identificadores podem ser destacados: uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepional; mas, sobretudo, um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência como fim e começo. (DUARTE, 2010, p. 122)

Desse modo, não há como especificar um texto literário como afro-brasileiro por meio de apenas categorização centrada no explícito na obra. Além dos diferentes meios para identificar essa literatura, é necessário sobretudo o comprometimento sociopolítico com esse movimento.

#### 4 DO FOGO QUE EM MIM ARDE

##### **Do fogo que em mim arde**

Sim, eu trago o fogo,  
o outro,  
não aquele que te apraz.

Ele queima sim,  
 é chama voraz  
 que derrete o bivo de teu pincel  
 incendiando até às cinzas  
 O desejo-desenho que fazes de mim.

Sim, eu trago o fogo,  
 o outro,  
 aquele que me faz,  
 e que molda a dura pena  
 de minha escrita.  
 é este o fogo,  
 o meu, o que me arde  
 e cunha a minha face  
 na letra desenho  
 do auto-retrato meu. (EVARISTO, 2008)

O poema “Do fogo que em mim arde” apresenta uma posição de resistência em que o eu-feminino recusa a imagem hipersexualizada criada em torno de si, e emancipa-se por meio do labor da própria subjetividade.

A imagem hipersexualizada supramencionada é discutida por Filho (2004, p.166) que aponta para o estereótipo do negro erotizado, muito recorrente nas obras literárias brasileiras. Desse modo, é possível identificar que, assim como na sociedade, a literatura instituiu o *ethos* da mulher negra sexualizada com a imagem da “mulata” atraente e libertina.

Essa imagem tornou-se de fácil resgate na memória dos leitores, por se tratar de uma preconceção difundida pelo patriarcado e pela misoginia, e muitas vezes ser reafirmada na escrita. No poema, ainda que o eu lírico não se apresente explicitamente como uma mulher negra, é possível fazer esse reconhecimento por meio do resgate dessa imagem sócio-histórica, inegavelmente, perante as temáticas centrais abordadas pela autora.

A ressonância do estereótipo hipersexualizado dos corpos femininos negros, que configura o *ethos* da mulher negra sexualizada, rouba o domínio sobre o próprio corpo e exclui as subjetividades do eu feminino negro, esse pensamento falocêntrico e racista está estritamente ligado ao colonialismo. Segundo Hooks (1995), o pensamento colonial tentava justificar a exploração sexual que os homens brancos exerciam sobre as mulheres em condição de escravidão com a ideia de que essas mulheres não possuíam consciência e que seus corpos eram altamente dotados de sexo, idealizando um erotismo primitivo e desenfreado.

Analisando o poema, é possível reconhecer que o eu lírico provoca uma autorreflexão no leitor, ao surpreendê-lo trazendo a afirmação de que “Sim, eu trago o fogo”, mas logo em seguida, quando os seus pré-conceitos já foram estimulados a despertar com a figura do fogo que representa a voluptuosidade, declara que se trata do “outro, não aquele que te apraz”. Desse modo, expõe que não se trata da figura do feminino enquanto objetificação erótica, mas do “outro”, o fogo que emerge para ressignificar o retrato da mulher negra enquanto mero corpo dotado de sexo.

O eu lírico não nega a existência tirana desse *ethos* feminino negro hipersexualizado construído na sociedade, do contrário, reconfigura a semântica do fogo e assume o combate defronte ao discurso falocêntrico: “Ele queima sim, / é chama voraz / que derrete o bivo de teu pincel / incendiando até às cinzas / O desejo-

desenho que fazes de mim”. Dessa forma, o fogo transforma-se em símbolo de luta, que incendeia e dissipa a figura construída a partir do olhar do outro, olhar esse que o resume a uma objetificação para realização de fetiches. A partir de uma linguagem poética, o jogo com as palavras ganha sentido de resistência.

Ademias, “bivo de teu pincel” que remete a figura do falo, define que a posição de resistência é perante a uma cultura falocêntrica, em que os desejos do homem são colocados acima da autonomia dos corpos femininos. O verbo derreter, no mesmo verso, indica que ao assumir a posição de escritora da própria história o eu lírico não só se autodefine, mas também confronta e destrói o seu retrato equivocadamente construído pelos outros.

A reconstrução do *ethos* evidencia-se ainda mais na segunda estrofe. Se aos olhos do outro o eu lírico é um “desejo-desenho”, na imagem que ele projeta de si ele se faz “letra desenho”. A alternância entre os termos “desejo” e “letra” revelam que, se outrora o outro não lhe admitia voz e o reduzia a mero objeto sexual, agora o poder alcançado pela letra, pela escrevivência, lhe permite ser consciência, subjetividade e desprender-se das amarras que lhes foram infligidas. O *ethos* (re)construído é o de uma mulher livre por meio da força de sua própria palavra.

Ao fim, o eu lírico revela que “é este o fogo, / o **meu**, o que me arde” (grifo meu). Desse modo, evidencia que o “fogo” é interno, parte de si e provoca a autonomia da própria voz, lhe inflama e lhe auto delinea, desencadeando-se da projeção dos que anteriormente eram os únicos detentores da palavra. O “autorretrato” é a concretização de um novo *ethos* conquistado pela emancipação do eu-mulher-negra, consciente da própria existência única e inefável.

Desse modo, o poema “Do fogo que em mim arde” realiza um movimento em que por meio do apoderamento da palavra, o eu lírico deixa de ser um mero corpo e passa a ser sujeito, a esse respeito compactua-se com o que afirma Evaristo:

Se há uma literatura que nos inviabiliza ou nos ficciona a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhorando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de auto-representação. Criam, então, uma literatura em que o *corpo-mulher-negra* deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como *sujeito-mulher-negra* que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento a que abriga todas as nossas lutas. (EVARISTO, 2006, p.54)

Assim, o poema transgride inúmeras narrativas descompromissadas que apresentam a mulher negra enquanto “desejo-desenho”. Em “Do fogo que em mim arde” o eu lírico possui o poder da linguagem, através da palavra apodera-se da autonomia ao (re)criar-se.

## 5 EU-MULHER

### Eu-Mulher

Uma gota de leite  
me escorre entre os seios.  
Uma mancha de sangue

me enfeita entre as pernas.  
Meia palavra mordida  
me foge da boca.

Vagos desejos insinuam esperanças.  
Eu-mulher em rios vermelhos  
inauguro a vida.  
Em baixa voz  
violento os tímpanos do mundo.  
Antevejo.  
Antecipo.  
Antes-vivo

Antes – agora – o que há de vir.  
Eu fêmea-matriz.  
Eu força-motriz.  
Eu-mulher  
abrigo da semente  
moto-contínuo  
do mundo. (EVARISTO, 2008, p. 23)

O poema de Evaristo suscita uma série de questões em torno do ser feminino, o título já indica a posição do eu lírico enquanto mulher, e ao decorrer do poema uma cosmovisão acerca do feminino é construída.

Elementos associados aos corpos das mulheres cisgênero e que são símbolos da fertilidade, o leite e o sangue menstrual, mas que são tidos como tabus na sociedade patriarcal que busca censurar tudo que é do feminino, são postulados na construção de uma cosmovisão que inaugura um *ethos* feminino etéreo.

De modo semelhante ao poema analisado anteriormente, a posição de resistência do eu lírico feminino não nega a opressão do patriarcado, a liberdade está em processo de construção, a voz ainda ecoa inconclusa e os desejos ainda são vagos: “Meia palavra mordida / me foge da boca. / Vagos desejos insinuam esperanças”. Porém, ainda que a libertação ainda esteja em marcha, há uma perspectiva de progresso, a “esperança” representa os efeitos almejados de uma luta que ainda está em curso.

O eu lírico expressa que “Em baixa voz / violento os tímpanos do mundo”. Assim, frisa que o sexismo ainda existe, mas que por meio daquelas que ousaram transgredir e se fazerem ouvidas, muitas das noções misóginas, não sem muito esforço, já foram rompidas.

Ademais, uma chave de leitura importantíssima no poema é a compreensão da figura materna. Ao voltar o olhar para a literatura brasileira, é possível perceber uma vasta gama de personagens mães brancas zelando pelos seus próprios filhos, mas quando se trata da mulher negra, quase que como um espelho da sociedade, esse cuidado é voltado para os filhos dos outros, brancos e burgueses, enquanto não podem cuidar dos seus próprios filhos. O papel materno é privado às mulheres negras. Evaristo, que além de escritora é pesquisadora, aponta para essa questão:

Percebe-se que a personagem feminina negra não aparece como musa, heroína romântica ou mãe. **Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra**, não lhe conferindo nenhum papel no qual ela se afirme como centro



de uma descendência. À personagem negra feminina é negada a imagem de mulher-mãe, perfil que aparece tantas vezes desenhado para as mulheres brancas em geral. E quando se tem uma representação em que ela aparece como figura materna, está presa no imaginário da mãe-preta, aquela que cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus. (EVARISTO, 2009, p. 24, grifo meu)

Desse modo, quando a escritora assumidamente antirracista e impulsionadora da escrevivência utiliza da linguagem poética, gerando um eu-lírico feminino deífico, viola os padrões postulados e assume a posição compromissada com a renovação na literatura contemporânea.

A aliteração do “eu”, na última estrofe, reforça a ideia de que o eu lírico é a criadora e centro da sua própria história, e expõe a sua vitalidade e importância na sociedade. “Eu fêmea-matriz / Eu força-motriz”, a mulher aqui é a força que gera e move o mundo.

O eu lírico é a mulher divindade que gera a humanidade e concebe a vida na terra, assemelhando-se assim com a orixá Nanã, cultuada em religiões de matriz africana e considerada como senhora da vida e da morte, mãe e portadora de grande sabedoria ancestral. Assim como a orixá Nanã, o eu-lírico confronta as razões do patriarcado e institui uma noção matriarcal.

Além de precursora da vida, a mulher é onipresente se tratando das condições temporais - passado, presente e futuro -, pois está no “Antes – agora – o que há de vir”. A presença em todos os modos temporais tem uma dupla face, tanto remete à uma ordem genealógica que reverencia a ancestralidade e acolhe as gerações futuras, quanto está atrelada à imagem materna mística que acompanha todas as gerações criadas estando onipresente em todos os períodos.

Desse modo, o *ethos* (re)construído pelo eu lírico é o de uma mulher-divindade edificada em uma figura materna que “inaugura a vida”, trazendo uma nova configuração matriarcal para às mulheres negras.

## 6 VOZES-MULHERES

### Vozes-mulheres

A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
ecoou lamentos  
de uma infância perdida.

A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas

roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.

A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome.

A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.  
A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
o eco da vida-liberdade. (EVARISTO, 2008, p. 25)

O poema *Vozes-Mulheres* compacta a história das mulheres negras por meio de uma linguagem poética singular. É importante ressaltar que o eu-lírico não é um simples espectador/narrador dessa história, mas está inserido e é constituinte dela, se percebe enquanto um mosaico produzido com a luta das mulheres que lhe antecederam e da que há de lhe suceder.

O recurso da memória é muito presente nas obras de Conceição Evaristo, o respeito e a estima pela ancestralidade são uma das mais importantes marcas de suas produções. No poema, o resgate à ancestralidade marca a trajetória do eu lírico, o autorreconhecimento enquanto mulher negra implica a percepção da influência da história sobre o próprio corpo, “a definição provisória e definitiva do corpo é que ele é território, logo, a ancestralidade é o que dá forma ao corpo e, inversamente, o corpo dá conteúdo à ancestralidade.” (OLIVEIRA, 2018, p.258).

Em decorrência do apagamento sócio-histórico é difícil realizar uma pesquisa profunda nas raízes das árvores genealógicas de pessoas negras, esse furto cometido pelo colonialismo aspira o desfalque da coletividade. Em contrapartida, como afirmam Duarte e Nunes (2020) a escrivência de Conceição Evaristo é a “escrita de nós” formulada em um sentir que se quer coletivo, um eu que compreende que não poderia ser produzido sem a luta das ancestrais.

Na primeira estrofe o eu lírico traz a recordação de sua bisavó ainda criança, representante das mulheres capturadas de suas culturas e trazidas por força em navios negreiros para servirem a burguesia branca. O eu lírico se sensibiliza com a voz que exprime “lamentos / de uma infância perdida”.

Na segunda estrofe a voz da avó retrata as mulheres que já não nasceram em meio a cultura das terras de seus ancestrais, das mulheres que já nasceram escravizadas e não puderam ir além da “obediência” aos que se autointitularam donos de seus corpos. Nesse momento a branquitude era sinônimo de senhorio, como aponta o eu lírico: “brancos-donos de tudo”.

Por conseguinte, a ancestral mais próxima do eu lírico, sua mãe, representa as mulheres negras livres, ou melhor, alforriadas, pois a soltura sem condições de equidade e dignidade não se configuram como plena liberdade. Na voz dessa mulher é notável o sentimento de “revolta”, ainda que em baixa voz, ao se deparar com as “roupagens sujas dos brancos”, uma sujeira simbólica que não remete apenas ao campo físico, mas que implica nos crimes carregados por gerações de escravocratas.

Fazendo o resgate dessas três mulheres apresentadas pelo eu lírico e que representam um pouco da história das mulheres negras, é possível notar pontos de convergência entre os espaços físicos destinados a elas, os “porões do navio” e o “fundo das cozinhas” são espaços fisicamente postos mais ao fundo, mais escondidos dos lugares preparados para os “brancos-donos”. Igualmente, a “favela” fica à margem dos grandes centros capitalistas. Os lugares físicos quase que invisibilizados estão em consonância com os silenciamento, seus corpos são postos às margens assim como suas vozes. Os corpos negros foram ocultados em ambientes recônditos, assim como suas vozes foram emudecidas.

A voz do eu lírico é transpassada pelas de suas ancestrais, ao voltar o olhar para o passado o eu lírico apresenta perplexidade, a ao se perceber no presente ainda pode se deparar com o genocídio da população negra expresso em suas “rimas de sangue e fome”. O eu lírico está em um entre-lugar, pois ainda está inserido em uma sociedade injusta e que desfavorece o lugar da mulher negra, mas conquistou o poder de exprimir o seu sentimento de revolta em seus versos.

A filha do eu lírico é a representação das gerações futuras de mulheres que, fortificadas pela luta ancestral, poderão entoar a liberdade. A voz da filha é a voz da esperança de um feminismo negro que almeja um dia a emancipação do seu próprio viver.

Notavelmente há um movimento gradativo e lento, porém potente, na voz das mulheres do poema, a primeira ecoa “lamentos”, a segunda “obediência”, a terceira “revolta”, a quarta e atual “perplexidade”, enquanto a quinta exprime a “vida-liberdade”. É interessante perceber que a voz do eu lírico é inteirada por “versos”, de modo que a escrita passa a contribuir com a oralização, até então única em vigor. A escrita é um direito conquistado que vem acrescer a luta do eu feminino negro.

A aliteração na ressonância dos vocábulos “voz” e “ecoou/eco” permite a ideia de continuidade, de vozes que não trazem consigo uma individualidade narcísica, mas que são compostas pelas de outras mulheres, por um fazer coletivo.

O eu lírico exprime que a voz da filha, daquela portadora da esperança, “recolhe todas as nossas vozes / recolhe em si as vozes mudas e caladas”. A imagem dessa quinta mulher rompe com estereótipo da mulher negra que não é dotada de palavra, que aceita todas as injustiças calada. Esse estereótipo não é rompido por essa mulher sozinha, mas com o apoio da ancestralidade, de modo que desfaz o *ethos* da mulher negra que tudo consente, (re)criando o *ethos* das mulheres negras que conseguiram sua liberdade não por meio da benevolência alheia, mas por meio de suas próprias vozes transgressoras.

Na última estrofe é exposto que “A voz de minha filha / recolhe em si / a **fala** e o **ato**” (grifos meus), demonstrando que a voz acompanha o agir. Desse modo a esperança da emancipação não é desprovida de ações, torna-se o que Paulo Freire chama de esperar, “enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera pura, que vira, assim, espera vã.” (FREIRE, 2003)

## 7 CONCLUSÃO

Conceição Evaristo frisa que “talvez, o modo como a ficção revele, com mais intensidade, o desejo da sociedade brasileira de apagar e ignorar a forte presença dos povos africanos e seus descendentes na formação nacional, se dê nas formas de representação da mulher negra no interior do discurso literário” (EVARISTO, 2009, p. 23). Desse modo, percebe-se a urgência na (re)construção da identidade/singularidade da mulher negra na literatura, propósito esse que as escritoras comprometidas com a luta anti-hegemônica, antipatriarcal e antirracista da contemporaneidade estão à frente. Conceição Evaristo é atualmente um dos nomes mais importantes dessa conjuntura, com essa pesquisa foi possível observar a potência de sua escrita na (re)criação de um *ethos* feminino negro que se emancipa dos pré-conceitos misóginos e machistas.

Assim, a escrevivência rompe com o desejo colonial de hegemonia branca dominadora da escrita. O viver e o escrever se unem na construção de uma literatura que nasce de uma perspectiva que parte de dentro para fora, ou seja, parte do interior de um grupo social marginalizado para toda a sociedade. A singularidade das poesias de Evaristo devolve a posse das suas próprias histórias às mulheres negras que se reconhecem em seus escritos. O sentir coletivo emerge nos poemas analisados, a escrita feminista negra propõe uma voz carregada de outras vozes, de outras lutas, uma “escrita de nós” (DUARTE e NUNES, 2020).

Por fim, percebe-se que a linguagem, enquanto instrumento de poder, é um direito de todos e um importante recurso para emancipação das classes marginalizadas, a escrita de resistência se configura em apresentar ao mundo as perspectivas que foram ocultadas ao longo da história.

## REFERÊNCIAS

- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos feministas**. Florianópolis, v. 10, n. 1, p.171-189, 2002.
- DUARTE, Eduardo de Assis, Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, p. 113-128, julho/dezembro 2010
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**; SCRIPTA; Belo Horizonte; v. 13; n. 25; 2º sem.; 2009; p. 17-31.
- EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: SCHNEIDER, N. M. de B. M. L. (org.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Idea, 2005.
- EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (org.). **Escrevivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**, 1ª edição, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FILHO, Domício Proença. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. Estud. av. vol.18 no.50 São Paulo Jan./Apr. 2004.

FIORIN, José Luiz. Língua, discurso e política. **Alea**, [S.l.], v. 11, p. 147-165, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HOOKS, bell. Intelectuais Negras. **Revista de Estudos Feministas**, vol. 3, nº2, Florianópolis, UFSC, 1995, pp.464-478.

MAIGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o ethos**. São Paulo: parábola, 2020.

MARICONE, Italo. **Os cem melhores poemas brasileiros do século**. São Paulo: Objetiva, 2001.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade**: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Porto Alegre: Taverna, 2018

SILVA, Ana Rita Santiago. Literatura de autoria feminina negra: (des)silenciamentos e ressignificações. **Fólio - Revista de Letras**, Vitória da Conquista, v.2, p. 20 -37, 2010.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus professores da UEPB por me mostrarem que o comprometimento com a educação de qualidade é o caminho mais promissor para o futuro. Agradeço especialmente ao meu orientador, Drº Luciano Justino, por ser um grande modelo de entrega à pesquisa científica literária, à minha professora Drª Ana Lúcia por ter me transmitido o amor pela literatura desde a minha primeira aula na UEPB, e à minha professora Drª Silvana Kelly por ser uma grande fonte de inspiração.

Agradeço aos meus pais, Maria José e José, por terem sido meu porto seguro e por me incentivarem a persistir na busca pela educação. À minha mãe, sou grata especialmente pelo carinho, atenção e por ter enfrentado tudo que cruzou os nossos caminhos, para que nada me atingisse ou me tirasse da direção pela qual eu sempre quis seguir. Ao meu pai, agradeço por todo o cuidado, zelo e por me fazer sentir-me segura, pois sempre estava ao meu lado.

Agradeço aos meus avós maternos Rita (*in memorian*) e Valdevino (*in memorian*) por terem sido os primeiros a me ensinarem o significado do amor e por terem se empenhado para que eu encontrasse um bom curso para a vida. Agradeço aos meus avós paternos Maria (*in memorian*) e Severino (*in memorian*), por terem me ensinado o valor do trabalho e da honestidade.

Agradeço à todas as mulheres do meu seio familiar, por me mostrarem que as nossas lutas e conquistas são coletivas. Agradeço especialmente às minhas tias Ronilda e Luzinete por me ensinarem a persistir, à minha prima Dandara por ser a melhor companheira que eu poderia ter. Gratidão também às minhas pequenas curumins, Sophia e Lara, que me trazem luz e esperança.

Agradeço ao meu amado Gizelho, que me acompanhou em toda a minha trajetória na UEPB e sempre me encorajou a ir além.

Agradeço a turma de letras de 2017.1 por todo conhecimento compartilhado. Em especial, agradeço à Amanda, Izabela, Lucas e Matheus pela força que me deram e pelos encontros memoráveis que tivemos.

Agradeço também à minha psicóloga, Leticia Costa, que me acompanhou e incentivou durante a minha jornada como licencianda, obrigada pela atenção e encorajamento.

Agradeço por fim a todas as minhas ancestrais por me permitirem chegar até aqui.